

## Pesquisa sociolinguística: relativização em narrativas orais<sup>1</sup>

### *Sociolinguistic research: relativization in oral narratives*

---

#### **Cristiano Campos Soares**

Graduando do 6º período de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

E-mail: cc.soares1986@bol.com.br

#### **Isabel Maria Lopes**

Graduanda do 6º período de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

E-mail: bellopes440@gmail.com

#### **Luciano José Martins**

Graduando do 6º período de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

E-mail: lucianomartins15@hotmail.com

#### **Thaís Natânia Silva**

Graduanda do 6º período de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

E-mail: natania02@hotmail.com

**Resumo:** Este trabalho teve como principal objetivo analisar como falantes de Patos de Minas e região constroem suas orações por meio do fenômeno da relativização, o qual pode ocorrer por meio de três formas: a padrão, a copiadora e a cortadora. A pesquisa foi realizada com base em pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica fundamentou-se em leituras de autores como Bagno (2001), Monteiro (2002) e Tarallo (1986). Já a pesquisa de campo foi realizada por meio de gravações de relatos. A amostra foi constituída de onze informantes. A partir da análise dos dados, foi possível verificar que é predominante a forma padrão em relação às formas cortadora e copiadora na fala dos informantes.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Variação linguística. Relativização.

**Abstract:** This study aimed to analyze how the speakers from Patos de Minas and the other cities nearby build their sentences through the relativization phenomenon, which can occur through three forms: the standard, the copier and the cutter. The survey was conducted based on literature and field research. The literature review was based on readings of authors such as Bagno (2001), Miller (2002) and Tarallo (1986). The field research was carried out through reports recordings. The sample consisted of eleven informants. From the data analysis, we found that the standard form is predominant in relation to the cutter forms and the copier forms in the speech of informants.

**Keywords:** Sociolinguistics. Linguistic Variation. Relativization.

---

<sup>1</sup> Trabalho orientado pela prof<sup>a</sup>. Gisele Carvalho Araújo Caixeta. E-mail: gisele@unipam.edu.br

## 1 Considerações iniciais

A língua falada é heterogênea e variável e, diante dessa variação, ela pode atender ao que é padrão e ao que não é padrão. Assim, o presente trabalho investiga um desses aspectos de diferenciação, que é a forma de relativização, a qual pode ocorrer por meio de três estratégias e pode ser dividida em dois grupos: padrão (relativa padrão), e não-padrão (relativa copiadora e relativa cortadora). Destas, apenas a primeira é aceita pela gramática tradicional, mas é pouco utilizada pelos falantes; já a segunda e a terceira, apesar de não serem aceitas pela gramática tradicional, são utilizadas pelos falantes, porém a cortadora é mais empregada que a copiadora.

Frente a isso, o questionamento-problema que serviu de ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho foi o seguinte: como falantes de Patos de Minas e região constroem as suas orações diante das três estratégias de relativização? Para isso, foi necessário gravar entrevistas com os informantes, transcrever as entrevistas, encontrar e analisar o fenômeno no *corpus*.

Partindo dessa problematização, hipotetizou-se, neste estudo, que os falantes, assim como os autores Bagno (2001), Monteiro (2002) e Tarallo (1986) nos afirmam, utilizariam mais as estratégias de relativização do tipo *não-padrão* e que isso poderia estar ligado a questões extralinguísticas, como a escolaridade, por exemplo.

A importância deste trabalho reside no fato de que, por meio dos resultados obtidos, será possível minimizar os preconceitos que existem entre *relativas padrão* e *relativas não-padrão*. Além disso, a elaboração deste artigo, para nós, como futuros pesquisadores, contribuiu para ampliar nossos conhecimentos acerca da Sociolinguística.

## 2 Sociolinguística

### 2.1 O que é...

Desde os tempos primitivos, o homem utiliza várias formas de se comunicar com os outros: por meio de gestos, de desenhos e, principalmente, por meio da língua. Para estabelecer o funcionamento dela, o homem procurou estudá-la, e esses estudos se ampliaram. Surgiu, então, a Linguística, ciência que estuda e busca entender a estreita relação entre língua e sociedade. Essa ciência é ampla e se desmembrou em várias subáreas como o Estruturalismo, o Gerativismo, a Psicolinguística, a Sociolinguística entre outras.

Para Mollica (2004, p. 9), “sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”.

Bright (*apud* CALVET, 2002, p. 29) salienta que “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas”.

Ao dar continuidade aos estudos de Bright, William Labov (1983) propôs um estudo da língua pautado no contexto social dos falantes. Ele, então, percebeu que a

língua sofre variação, porque é um organismo vivo que tem a capacidade de se adaptar às necessidades da comunidade de fala.

Diante dessa concepção de que a língua sofre variações, Tarallo (1986, p. 8) afirma que “variantes linguísticas são [...] diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’”.

Ainda segundo Tarallo (1986, p. 11),

as variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs não-padrão; conservadoras vs inovadora; de prestígio vs estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado são aquelas quase sempre não-padrão e estigmatizada pelos membros da comunidade.

Tarallo (1986) afirma que a língua, por ser um marcador que identifica a que grupo determinados usuários pertencem, pode também ser o delimitador das diferenças sociais no seio de uma comunidade.

Nesse sentido, Monteiro (2002, p. 65) salienta que “um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem”. Entende-se, portanto, que, ao passar por muitas modificações em seu percurso, a língua não chega íntegra até o seu receptor ou vice-versa. Esse efeito provoca a variação linguística, e desta surge o preconceito linguístico, que, ainda segundo o autor supracitado,

é tanto mais forte quanto maior for a identificação da forma com a classe discriminada. À proporção que passa a ser usada por outros grupos, o estigma vai diminuindo até deixar de existir completamente, se a variante é aceita pela classe dominante (MONTEIRO, 2002, p. 68).

Monteiro (2002, p. 68) complementa essas ideias afirmando que

é importante ressaltar que, numa situação comunicativa, o estilo pode fornecer mensagens indicativas de escolaridade, origem e classe social dos falantes, bem como servir a certos propósitos pragmáticos, como provocar intimidade ou distanciamento entre os interlocutores.

Apoiando-se nas abordagens dos autores supracitados, o presente estudo se propôs a analisar o fenômeno da relativização, portanto, faz-se necessário compreender como esse fenômeno ocorre.

## 2.2 Estratégias de relativização

Para compreender o que vem a ser relativização, é necessário compreender que “[...] os pronomes relativos são peças fundamentais à boa articulação de frases e textos: sua dupla capacidade de atuar com pronomes e conectivos simultaneamente favorece a

síntese e evita a repetição de termos.” (FEREIRA, 2003, p. 223). Os pronomes relativos geram três tipos de estratégia e podem ser divididos em dois grupos: padrão e não-padrão.

### 2.2.1 Estratégia padrão

Exemplos:

I – Paulo tem um livro *de que* eu gosto muito.

II – Paulo tem um colega *que* eu vi ontem.

Em I, o termo relativizado é um sintagma preposicional, pois o verbo pede uma preposição; além disso, essa oração é aceita pela tradição gramatical, mas é menos utilizada pelos usuários da língua; já em II, o termo relativizado é um sintagma não-preposicional, pois quando o verbo é transitivo direto, e não pede preposição, também é padrão.

### 2.2.2 Estratégia não-padrão: copiadora

Não é aceita pela tradição gramatical, recebe esse nome “porque, nela, há uma repetição por meio de um ‘pronome cópia’ (ELE), do elemento que deveria ser substituído pelo pronome relativo, aquilo que nas gramáticas recebe o nome o nome de antecedente” (BAGNO, 2001, p. 84). Exemplo:

I – Paulo tem um livro *que* eu gosto muito *dele*.

Nesse exemplo, o termo relativizado é um sintagma preposicional. Assim, é *não-padrão* porque o verbo pede preposição, mas ela não aparece na oração, além disso, há a repetição de um pronome cópia (dele).

### 2.2.3 Estratégia não-padrão: cortadora

É rejeitada pela gramática tradicional e recebe esse nome “porque a preposição que o verbo rege é ‘cortada’, ou seja, é apagada na segunda oração. Por isso, é comum indicar com o símbolo de vazio (0) o lugar deixado vago pela preposição” (BAGNO, 2001, p. 84). Exemplo:

I – Esse é um filme 0 *que* eu gosto muito.

Nesse caso, o sintagma preposicional está completamente ausente. Assim, quando o verbo é intransitivo e quando a preposição não aparece, a oração é *não-padrão*.

A seguir estão apresentados, de forma detalhada, os procedimentos utilizados para a elaboração deste artigo.

### 3 Procedimentos metodológicos

Para alcance dos objetivos propostos, foi realizada, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica sustentada em autores como Bagno (2001), Monteiro (2002), Tarallo (1986) entre outros. Posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo, feita por meio de gravações de entrevistas com os informantes de Patos de Minas e região, e definiu-se que os informantes deveriam ter, no mínimo, 70 anos de idade e que o nível de escolaridade poderia ser variado para ampliar a análise dos resultados.

A realização da pesquisa pautou-se em princípios éticos fundamentais. Por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, obteve-se dos informantes a sua anuência à participação. Os envolvidos na investigação tiveram sua identificação preservada e as informações fornecidas por eles não foram usadas em prejuízo à pessoa.

Depois de serem coletadas, as gravações foram transcritas e, logo em seguida, foi atribuído um código para cada informante, para a preservação de suas identidades.

Para a análise do fenômeno da relativização, apoiou-se em onze relatos, os quais receberam os seguintes códigos: A1, B2, B4, C1, C2, D1, D2, D3, F1, F2 e F3.

Depois de coletadas essas informações, elas foram quantificadas, transformadas em tabelas e discutidas com base na abordagem teórica acerca do fenômeno da relativização.

### 4 Resultados e discussão

A seguir, estão mostrados os dados coletados na pesquisa de campo em que foram verificadas as ocorrências do fenômeno analisado, sendo também realizadas algumas discussões que permeiam o que é demonstrado por esses dados.

A tabela 1 mostra a quantidade de pronomes relativos encontrados nas transcrições dos relatos dos informantes.

**Tabela 1: Pronomes relativos encontrados no CLF<sup>2</sup>**

Pronome	QTD.	%
Que	43	100,0
Quem	0	0
O/a qual – Os /as quais	0	0
Cujo/a – Cujos/cujas	0	0
Onde	0	0
Quanto	0	0
<b>Total</b>	<b>43</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo (2014).

<sup>2</sup> CLF: Linguagem falada.

Conforme pode ser observado na tabela 1, analisando a aparição do pronome *que* e suas variações, o pronome mais utilizado pelos informantes foi o *que*, com 100% das aparições. Infante (2001, p. 365) diz que o que “[...] é o relativo de mais largo emprego sendo por isso chamado de relativo universal”.

**Tabela 2: Orações relativas no CLF**

<b>Tipo</b>	<b>QTD.</b>	<b>%</b>
Relativas-padrão	29	67,5
Relativas copiadoras	1	2,0
Relativas cortadoras	13	30,5
<b>Total</b>	<b>43</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo (2014).

Na análise dos dados da tabela 2, é possível observar que a estratégia de relativização mais utilizada é a forma *padrão* com 67,5% das aparições, em detrimento das formas *cortadora* e *copiadora* (*não-padrão*) com 30,5% e 2,0% das aparições, respectivamente.

Está apresentada, a seguir, a tabela que mostra a relação entre o fenômeno estudado com o nível de escolaridade dos informantes.

**Tabela 3: Nível de escolaridade dos informantes no CLF**

<b>Pronome</b>	<b>Escolaridade</b>	
	<b>Básica</b>	<b>Superior</b>
Relativas-padrão	14	11
Relativas copiadoras	1	0
Relativas cortadoras	13	4
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>15</b>

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo (2014)

Como é possível observar na tabela 3, tanto os informantes com nível de escolaridade superior quanto os de nível de escolaridade básica utilizam mais a forma *padrão* do que as formas *não-padrão*. Assim, fazem uso da norma *padrão* da linguagem falada.

Portanto, quando o verbo é transitivo direto a oração é *padrão*, mas quando o verbo é intransitivo, a oração é *não-padrão*. No quadro a seguir, por meio de exemplos retirados das transcrições dos relatos dos informantes, isso pode ser comprovado:

**Quadro 1: Exemplos de orações relativas encontradas no CLF**

<b>Informantes</b>	<b>Relativas-padrão</b>	<b>Relativas não-padrão</b>
A1	<i>“[...] veio a água da Copasa... que foi uma coisa muito boa [...]”</i>	
B2	<i>“[...] dum pau muito grande que travessava li na estrada [...]”</i>	<i>“[...]nessa linha ônibus tudo que ia pra Belorizonte [...]”</i>
B4		<i>“[...] uma época na semana que ele tava afastado [...]”</i>
C1	<i>“[...] eu cheguei lá... que era uma cidade assim tranquila né[...]”</i>	<i>“[...]Conselho Municipal de Saúde...e que as pessoas não participam [...]”</i>
C2		<i>“[...] essa vida que a gente leva... fico muito satisfeito [...]”</i>
D1	<i>“[...] ter fechado as licenciaturas que eu coordenava né [...]”</i>	
D2	<i>“[...] da usina que fornecia luz para Presidente Olegário [...]”</i>	<i>“[...] um lugarejo que até:: mil oitocentos e noventa mais ou menos foi...instalado [...]”</i>
D3	<i>“[...] o Ferrera PRAdo que é o avô do Tim Oscar deu mais cinco [...]”</i>	
F1	<i>“[...] as conduções que tem hoje de/de maquinária:rio [...]”</i>	<i>“[...] é um lugar...que:: a gente no meu bairro aqui [...]”</i>
F2	<i>“[...] dos únicos hospitais que tem aqui em Patos de Minas [...]”</i>	<i>“[...] veio então a CEMIG que veio é:: nor/normalizar [...]”</i>
F3	<i>“[...] cantávamos naquela época uma cartira que era muito importante [...]”</i>	<i>“[...] nós tinha aqui uma turma de moço que/ era muito amizade [...]”</i>

Fonte: Dados coletados em pesquisa de campo (2014)

Ao analisar os dados obtidos na pesquisa de campo, percebe-se que, independentemente do grau de escolaridade, a estratégia de relativização que prevaleceu foi a do tipo *relativa-padrão*.

### 5 Considerações finais

Ao iniciar as pesquisas, tínhamos como hipótese que os falantes utilizariam mais a estratégia de relativização do tipo *não-padrão*, assim como os autores Bagno (2001), Monteiro (2002) e Tarallo (1986) nos afirmam, e que isso poderia estar ligado a questões extralinguísticas, como a escolaridade.

Com base na análise dos resultados da pesquisa de campo e respondendo à questão postulada no início, pôde-se concluir que a *relativa padrão*, apesar de ser considerada como a menos utilizada pelos falantes, neste trabalho, foi a que prevaleceu sobre as demais. Notou-se ainda que as ocorrências se dão tanto com os falantes mais escolarizados quanto com os falantes menos escolarizados.

Para trabalhos futuros, seria interessante uma pesquisa mais apurada em relação ao *onde*, que é relativo, mas tem ocupado outras funções na oração.

### Referências

BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

FEREIRA, Mauro. *Aprender e praticar gramática*. São Paulo: FTD, 2003.

INFANTE, Ulisses. *Curso de gramática: aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 2001.

LABOV, William. *Modelos sociolinguísticos*. Trad. José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópoles, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.